

## OS EQUIPAMENTOS BÉLICOS DOS HERÓIS HOMÉRICOS

Prof. Me. Luciene de Lima Oliveira (UFRJ)

### Resumo

O presente artigo tem por escopo abordar a respeito dos equipamentos bélicos utilizados pelos heróis na *Ilíada*. Havia as armas ofensivas (lança, espada, arco, flecha etc.) que eram usadas no ataque ao inimigo e, ainda, as armas defensivas (escudo, couraça, elmo, grevas etc.) utilizadas para a proteção dos corpos dos heróis contra os golpes desferidos pelos inimigos. Ressalte-se que o equipamento bélico era um acessório de cobiça entre os guerreiros, pois é muito comum o despojamento do inimigo no campo de batalha, e vários são os exemplos que se podem colher na *Ilíada*.

**Palavras-chave:** Guerreiro; Armas; Bronze; Despojamento.

Muitos dos elementos bélicos, que os poemas homéricos retratam e descrevem com exatidão, podem ser confirmados pela arqueologia. Vale ressaltar que, de acordo com Paul Courbin (*apud* KIRK, 1999: 122), as armas e armaduras datam do período que vai do Heládico Recente ao fim do Geométrico e início da Época Arcaica.

Claude Mossé destaca que cada guerreiro chega à guerra de Tróia com suas próprias armas. Os heróis estavam ligados a Agamêmnon não mais por um juramento de vassalagem, mas por um sentimento de *philótes*, “de amizade recíproca” (MOSSÉ, 1998: 153).

Homero – homem, provavelmente, do século VIII a.C. - representa seus heróis como guerreiros que lutam utilizando, sobretudo, armas de bronze (*Il.*, III, 18, 131; V, 856). Por vezes, há inúmeras referências ao material brônzeo do equipamento bélico (material esse comum nos tempos longínquos evocados pelo poeta em detrimento do ferro), por exemplo, *khalkôn ... tamesíkhroa* - “bronze que corta a pele” (*Il.*, IV, 510-1); *oxéi khalkôî* - “agudo bronze” (*Il.*, IV, 540; IX, 458); *neléi khalkôî* - “(perseguiu) com bronze cruel” (*Il.*, V, 330). Todavia, tem-se referência, na *Ilíada*, não só ao material brônzeo como também a outros tipos de materiais como, por exemplo, o ferro (material esse comum à própria época do poeta, percebe-se, então, certos anacronismos em Homero): a ponta da flecha de Pândaro era *síderon*, “de ferro” (*Il.*, IV, 123) e, igualmente, a clava de Areítoo era feita de ferro (*Il.*, VII, 141).

Convém lembrar que quando Glauco e Diomedes descobrem que suas famílias estavam ligadas por laços de hospitalidade, e trocam as armas em pleno campo de batalha (*Il.*, VI, 226-234), as armas do lício tinham mais valor, pois eram *teúkhe’ ... khryísea* - “armas de ouro”, ao contrário das armas do filho de Tideu que eram *khalkéion*, “de bronze” (*Il.*, VI, 235-6).

Como pontua Bailly (BAILLY, 2000: 1922), o vocábulo *teúkhos*, “equipamento”, “utensílio” pode significar, se usado no plural, tanto as armas ofensivas, quanto as defensivas: *teúkhea dynai* - “revestir das armas” (*Il.*, VI, 340). Há, contudo, um outro vocábulo para arma, o *hóplon*: *hóplousin ení deinoísin* - “(se revestiram) das terríveis armas” (*Il.*, X, 254).

Como se depreende de *Ilíada* XIII, 126-134, há referências a algumas das armas ofensivas e defensivas dos guerreiros homéricos:

Em torno dos dois Ájaces, postavam-se falanges compactas,  
que nem Ares, se as seguisse, reprovava,  
nem Atena que impele as tropas. Os melhores,  
os que se distingüiam, aguardavam os troianos e o divino Heitor.  
130 Aproximando lança de lança, escudo de escudo solidamente fixado,  
escudo apoiava-se em escudo, elmo em elmo, homem em homem;  
tocam-se elmos, guarnechos de cauda equina, com brilhantes cimeiras,  
quando inclinavam a cabeça, tão unidos se postavam perto uns dos outros,  
as lanças eram agitadas por mãos valorosas.

No que diz respeito às armas ofensivas, dois são os tipos de lança mencionados nos versos supracitados: o *dóry* (verso 130) e o *énkhos* (verso 134).

A lança, *dóry* caracteriza-se por ser pontiaguda e brilhante (*Il.*, IV, 495-6; V, 73). O herói Idomeneu era conhecido como *Idomeneüs douriklytós* - “famoso pela lança” (*Il.*, II, 645) e, igualmente, Menelau era qualificado como *Atreídes dourikleitós Menélaos* - “Menelau, o Atrida, famoso pela lança” (*Il.*, V, 55).

Já, o outro tipo de lança, o *énkhos* (*Il.*, II, 389; XIII, 166) destacava-se pelo seu tamanho (*Il.*, III, 135); é caracterizada como *dolikhóskion énkhos* - “lança que projeta sua sombra ao longe” (*Il.*, III, 346; V,

15; XXII, 273). Na *Iliada*, há menção ao tamanho da lança de Heitor: *énkhos endekápekhy* – “lança de onze côvados” (*Il.*, VI, 319), o que equivale em torno dos sete metros de comprimento. A *aikhmé*, isto é, a ponta do *énkhos* de Heitor era feita de bronze (verso 320).

Ora, quando Pátroclo pega as armas de Aquiles emprestadas para combater (*Il.*, XVI, 130-144), o filho de Meneácio conseguiu segurar o *álkima doûre* – a “forte lança” do filho de Peleu (*Il.*, XVI, 139), entretanto, não conseguiu manejar o *énkhos*, pois era pesado e grande; ninguém o manejava a não ser o Pelida. Esta grande lança fora um presente de Quirão a Peleu para a ruína dos heróis, fora extraída de um tronco de árvore de uma montanha da Tessália (*Il.*, XVI, 140-4).

Assinale-se que o vocábulo *bélos* pode significar um dardo qualquer, isto é, uma lança (*Il.*, IV, 465-6, 498; V, 290) ou uma flecha (*Il.*, VIII, 294-310).

Além do *dóry* e do *énkhos*, o guerreiro da epopéia tinha como arma o *xíphos*, a “espada” (*Il.*, I, 194; II, 45; IV, 530). Merece destaque o *xíphos* do guerreiro Heleno que possuía uma enorme espada trácia (*Il.*, XIII, 576-7), e o *xíphos* de Menelau que era guarnecido de pregos de prata (*Il.*, XIII, 610). A *mákhaira* era um “grande facão” ou “punhal” que o guerreiro colocava na cintura perto do *xíphos* (*Il.*, XIX, 252-3). A *mákhaira* servia, ainda, para fazer uma cirurgia (*Il.*, XI, 844-8) ou para fazer sacrifícios (*Il.*, III, 271-3). Já o *phásganon* (*Il.*, V, 81) era um “facão” que pode ser considerado como uma espécie de espada; é retratado como *phásganon ámphekes* – “espada / facão de dois gumes” (*Il.*, X, 256).

Convém sublinhar que os guerreiros pesadamente armados são equipados com lanças, normalmente, duas e uma espada que utilizavam após o arremesso das lanças.

Além do combate em massa e do duelo singular, há, na *Iliada*, referência ao combate à distância com a presença de arqueiros, mas somente alguns poucos são nomeados. Citem-se, por exemplo, Pândaro que recebeu o arco de Apolo (*Il.*, II, 826-7) e Páris entre os troianos; Teucro, irmão bastardo de Ájax, Telamônio, era um exímio arqueiro entre os aqueus (*Il.*, XII, 363).

Pândaro, filho de Licaone, faz o papel de traidor, pois por influência de Atená, em forma de Laódoco, é persuadido a flechar Menelau para alcançar *kydos*, “glória”. O arqueiro lança uma flecha na direção do rei de Esparta, mas consegue apenas ferí-lo na perna (*Il.*, IV, 93-159), então, o pacto entre Menelau e Páris é quebrado (*Il.*, III, 84-100), e a guerra continua. Para o helenista Vidal-Naquet, esta atitude de Pândaro exemplifica como o arco e o arqueiro eram considerados “perversos” (VIDAL-NAQUET, 2000: 59).

Ressalte-se que os Lócrios são fundeiros e arqueiros; foram à Tróia sem *kórythas khalkéreas hippodaseías* – “elmo de bronze com penachos equinos”, sem *aspídas eukýklous* – “escudos redondos” e sem *meílina doúra* – “lanças de freixo”, todavia, eram eficientes arqueiros que combatiam com arcos e fundas de lã, pois não possuíam ardor para um combate próximo (*Il.*, XIII, 712-722).

Na *Iliada*, há algumas referências ao *tóxon*, o “arco” (*Il.*, VIII, 291; XI, 582) que é qualificado de *kampýla tóxa* – “o arco recurvo” (*Il.*, III, 17; V, 97).

De acordo com Vidal-Naquet (*Ibidem*: 58), nem todas as armas usadas pelos guerreiros têm uma equivalência em relação ao arco que é a arma do deus Apolo, e isso faz com que essa arma se destaque em relação às demais utilizadas pelos mortais.

Em relação às armas defensivas, dois são os tipos de armadura para a proteção do tórax: o *thórax* (*Il.*, IV, 133; V, 99-100; VI, 322) e o *khitôn* (*Il.*, XIII, 439).

Os *thórades*, as “couraças” dos guerreiros são caracterizadas como *khalketheorékon* – “couraças brônzeas” (*Il.*, VIII, 62) ou *thórex khálkeos* – “couraça brônzea” (*Il.*, XIII, 397-8). A propósito, a couraça, que Hefestos fez para Aquiles, era *phaeinóteron pyròs augês* – “mais brilhante que os raios do fogo” (*Il.*, XVIII, 610). Digno de nota é também a couraça que o rei Agamêmnon ganhou de Ciniras, pois possuía dez traços de cor azul-escuro, doze de ouro e vinte de estanho, além de três dragões de cor azulada (*Il.*, XI, 19-28).

Já o *khitôn*, ao que tudo indica, também era feito de bronze como o *thórax* como se depreende de *khitôna khálkeos* – “couraça brônzea” (*Il.*, XIII, 439). Num *Canto* mais adiante, há mais informações sobre esse acessório como se infere de *streptoîsi khitôsi* – “couraças solidamente tecidas /entrelaçadas” (*Il.*, XXI, 31).

Os heróis homéricos, freqüentemente, são apresentados como *Akhaiôn khalkokhitónon* – “Aqueus de couraças brônzeas” (*Il.*, VI, 454; VIII, 71; X, 136) ou *Argeíon khalkokhitónon* – “Argivos de couraças brônzeas” (*Il.*, IV, 285); *Threkôn ... Epeiôn khalkokhitónon* – “Trácios e Epeios, couraças brônzeas” (*Il.*, IV, 537). Vale ressaltar que Ájax, filho de Oileu, usava um *linothórex*, uma “couraça de linho” (*Il.*, II, 529), como também Ânfito, o aliado dos troianos (*Il.*, II, 830).

O *zôma* era uma espécie de armadura recoberto de placas de metal que se prendia à altura da cintura sob a couraça, descendo até o meio das coxas (*Il.*, IV, 216). Já a *míttra* era um cinturão largo usado pelos guerreiros (*Il.*, IV, 216); o deus da guerra, Ares tinha uma *míttra* (*Il.*, V, 857). Há um outro vocábulo para o

cinturão que os guerreiros usavam no combate - o *zostér* - que cobria a parte inferior da couraça. O rei espartano, Menelau, possuía um *zostér* de “várias cores” – *panaíolon* (*Il.*, IV, 215).

Nos versos 131-2 supracitados do *Canto XIII* da *Ilíada*, há menção à *kórys*, o “elmo”, isto é, o capacete que protegia a cabeça, feito de metal, mais precisamente de bronze: *khalkeíe kórys* – “capacete brônzeo” (*Il.*, XII, 184).

Normalmente, os capacetes eram enfeitados com *pháloi*, “penachos” feitos de caudas de cavalos: *hippókomoí kórythes lamproísi pháloisi* - “capacetes, guarnecidos de cauda equina, com brilhantes penachos” (*Il.*, XIII, 132) e *kórythos phálon hippodaseíes* - “capacete de penacho equino” (*Il.* IV, 459).

O vocábulo *lóphos* também é utilizado como “penacho”: *lóphon hippiokhaitén* – “penacho com crina de cavalo” (*Il.*, VI, 469). Merece destaque o penacho da *kórys*, do capacete de Aquiles que era *kórytha ... krýseon lóphon* – “capacete com penacho dourado” (*Il.*, XVIII, 611-2).

Além da *kórys*, existe um outro tipo de capacete, a *kynée*. Odisseu tinha uma *kynée* que é um capacete formado por pele de cão ou couro qualquer (*Il.*, X, 257, 261). A parte exterior do capacete de Odisseu tinha “os dentes reluzentes de um javali com presas brancas, dispostos em grande número, com arte e habilidade” (*Il.*, X, 261-5). Este tipo de capacete, que Meríone deu ao rei de Ítaca, é mencionado uma única vez em Homero.

A *kynée* usada por Odisseu é uma recordação muito antiga e já era considerada uma raridade muito antes de Homero, certamente, a sua descrição atravessou séculos. Vidal-Naquet afirma que é difícil saber se Homero viu esse objeto, sabe-se que, antes de Meríone, quatro pessoas já tinham usado este tipo de capacete; provavelmente, Homero soubesse de sua existência através da tradição oral (VIDAL-NAQUET, 2000: 30). Já a helenista Romilly destaca que os documentos micênicos mostraram alguns dos capacetes usados pelo filho de Laertes (ROMILLY, 2001: 33-4).

A *kynée* era usada em oposição à *kórys* que era um capacete em metal, conforme já foi dito, entretanto, esta diferença não é observada em outra passagem da *Ilíada* em que *kynée* é chamada de *kynées khalkoparéou* – “capacete de faces de bronze” (*Il.*, XII, 183).

É interessante destacar que a *kynée* que Diomedes usou no canto X, era especial, uma vez que não tinha *áphalon* – “penacho”, *álophon* – “crina de cavalo” e era *kataítix* – “raso” (*Il.*, X, 258).

A arqueóloga inglesa Lorimer, ao comentar a respeito dos capacetes de Diomedes e Odisseu usados no *Canto X*, destaca que há evidências da existência de dois tipos de capacetes sem penachos em Creta entre 1600 e 1400 a.C. que não ocorriam em nenhum outro lugar. Um capacete, sem penacho com um nome em relevo, deveria ter algum *status* na *Era Heróica*, como aparece na *Ilíada X*, 258 na companhia de um capacete que tinha presas de javali meticulosamente descritas na *Ilíada X*, 263-5; segundo a arqueóloga, uma reminiscência inquestionável da *Era do Bronze* e, além do mais, o capacete que era *kataítix*, “raso” pode ser tão antigo quanto o de presas de javali (LORIMER, 1947: 131).

Observa-se que há outros dois vocábulos para retratar o capacete: a *stepháne* e a *pélex*. A *stepháne* era de bronze como se infere de *stephánen ... khalkeíen* – “capacete brônzeo” (*Il.*, X, 30) e também *stephánes eukhálkou* – “capacete de bronze” (*Il.*, VII, 12); em relação à *pélex* (*Il.*, VIII, 308; XV, 608), ao que tudo indica, brilhava como se conclui de *péleka phaínèn* - “capacete resplandecente” (*Il.*, XIII, 527) e, de igual modo, *phaeinè ... pélex* – “capacete resplandecente” (*Il.*, XIII, 805).

Nos versos 130 e 131 da *Ilíada XIII*, transcritos mais acima, dois são os tipos de escudos mencionados: o *sákos* e a *aspís*.

O *sákos* era um escudo de vime ou de madeira, forrado de uma pele de boi ou de uma placa de metal. Esse escudo não era igual para todos os guerreiros. Ora, o grande escudo de Ajax, Telamônio, por exemplo, parecia uma torre: *sákos eúte pírgon* (*Il.*, VII, 219-220); era guarnecido de sete peles de boi e revestido também de bronze.

O escudo do filho de Telamôn servia não só para a sua proteção, como também dos outros guerreiros. Em certa passagem da *Ilíada*, o arqueiro Teucro se escondeu atrás do escudo de Ajax para espiar o alvo e lançar sua seta e, desse modo, o arqueiro matou muitos troianos (*Il.*, VIII, 266-280); logo depois, é ferido por Heitor com uma pedra, e Ajax, ao vê-lo abatido, protege-o com seu grande escudo (*Il.*, VIII, 324-331). Em uma outra ocasião, o Telamônio portando o mesmo escudo, além de proteger o cadáver de Pátroclo, protege também Menelau da fúria de Heitor (*Il.*, XVII, 128-137). Há um fato interessante: quando Ajax ficava cansado, tinha companheiros que se revezavam para segurar o seu grande escudo (*Il.*, XIII, 709-711).

Este escudo de Ajax é uma raridade em Homero e, além do mais, os resíduos arqueológicos mostram que este tipo de escudo já havia desaparecido na época da guerra de Tróia.

Lorimer pontua que, provavelmente, o episódio de Ajax, Telamônio, e Teucro em *Ilíada*, 266-274 foi o fato de maior contribuição para a perpetuação da tradição do escudo de corpo inteiro heróico, embora a

proteção do arqueiro sob o escudo de Ajax seja única em Homero (LORIMER, 1947: 126). Já Kirk destaca que este tipo de escudo em forma de torre oferece a idéia que os combates, de outrora, ainda eram estáticos, e Ajax é um exemplo do grande combatente imóvel, do defensor (KIRK, 1999: 145).

Digno de destaque é também o escudo do filho de Peleu, o *sákos méga* – o “grande escudo” (*Il.*, XVIII, 478). Esse escudo é descrito em detalhes e de modo extenso no *Canto XVIII*; é dedicado nada menos que 131 versos a uma única peça. O escudo de Aquiles foi uma obra divina de Hefestos, pois, a pedido de Tétis, o deus fabrica para o herói um novo jogo de armas (*Il.*, XVIII, 463-5) que apenas Aquiles poderia olhar com deleite, sem tremer (*Il.*, XIX, 14-9), uma vez que Heitor despojou Pátroclo das armas que pertenciam a Aquiles (*Il.*, XVII, 125-128).

O escudo do Pelida tinha como decoração várias séries de cenas representativas em duas cidades. Numa cidade, há cenas de um casamento (*Il.*, XVIII, 491-6) e de um litígio entre dois homens (*Il.*, XVIII, 497-508). Na outra, há a cena de uma cidade que seria sitiada, mas seus habitantes resistem, e os deuses estão a seu lado (*Il.*, XVIII, 509-540).

Há, ainda, representações de lavradores no campo, mulheres preparando a refeição para os lavradores etc. (*Il.*, XVIII, 541-572), rebanho de bois com leões que perseguem um touro (*Il.*, XVIII, 573-586) e um amplo pasto de ovelhas (*Il.*, XVIII, 587-9). Mais próxima da extremidade do escudo circular, existe uma cena de dança entre rapazes e moças (*Il.*, XVIII, 590-605) e, por fim, o deus Hefesto gravou o rio Oceano na borda do escudo (*Il.*, XVIII, 608-9).

Pode-se dizer que o escudo do filho de Peleu era uma grande obra de arte, possuindo cinco camadas: duas de bronze, duas de estanho e uma de ouro (*Il.*, XX, 269-2).

Vidal-Naquet não acredita na existência deste tipo de escudo de Aquiles, sendo, portanto, inútil imaginar que Homero tenha se inspirado em algum modelo (VIDAL-NAQUET, 2000: 30).

Outros guerreiros como Menelau (*Il.*, XIII, 606, 646), Diomedes (*Il.*, X, 257) e Antíloco (*Il.*, XIII, 420, 552) portavam um *sákos*.

A *aspís* é um outro tipo de escudo que aparece também na *Ilíada*, caracteriza-se, sobretudo, por ser arredondado, feito de couro de boi e, ao que tudo indica, pequeno. É o que se depreende de *boeías aspídas eukýklous* - “escudos bem arredondados feitos de couro de boi” (*Il.*, XII, 425-6), *aspída ... taureín* - “escudo feito de couro de boi” (*Il.*, XIII, 160-1) e *aspídos omphaloésses* - “escudo arredondado / umbiliforme” (*Il.*, VI, 118).

No entanto, cabe destacar que a *aspís*, o escudo de Sarpédon era belo, redondo, feito de bronze, revestido de peles de bois e possuía cabos de ouro (*Il.*, XII, 294-7). Já o escudo do rei Agamêmnon apresentava um emblema especial como se conclui de *Ilíada*, XI, 32-9:

Tomou o escudo trabalhado com muita arte que cobre todo o corpo,  
era belo e impetuoso; em torno dos círculos, tinha dez orlas brônzeas  
e vinte umbigos brancos de estanho;  
35 ao centro, era azul-escuro,  
e, em cima, Górgone, de olhar terrível; em volta, o Terror e a Fuga.  
A cinta era prateada, sobre ele,  
Dragão, de cor azulada, se enrola, três cabeças  
estavam entrelaçadas em volta, nascidas de um mesmo pescoço.

Outros guerreiros como Enéias (*Il.*, V, 300) e Heitor (*Il.*, XXII, 111) portavam também uma *aspís*.

Tem-se, ainda, mais dois vocábulos para designar o escudo: o *rhínós* e o *laiséion*. O primeiro era um escudo de couro (*Il.*, IV, 446-7; XVI, 635-7); o segundo também era um escudo de couro, certamente, peludo como se depreende de *laiséiá te pteróenta* - “escudo de couro emplumado” (*Il.*, V, 453 e XII, 426).

Além de haver equipamentos para a proteção da cabeça, peito e braços, os guerreiros tinham uma proteção para as pernas, as chamadas *knémides*, “grevas” (*Il.*, VII, 41) que eram uma armadura de ferro composta de duas placas de metal que recobriam as pernas, do joelho para baixo. Os heróis eram denominados de *khalkoknémides Akhaioí* - “Aqueus de brônzeas grevas” ou *euknémides Akhaioí* - “Aqueus de belas grevas” (*Il.*, VII, 311), entretanto, as grevas feitas por Hefesto para Aquiles eram *knemîdas ... kassitéroio* - “grevas de estanho” (*Il.*, XVIII, 613). Normalmente, as fivelas das grevas dos heróis eram *arguréoisin*, “de prata” como, por exemplo, as fivelas de Páris (*Il.*, III, 330-1), Agamêmnon (*Il.*, XI, 17-8) e Aquiles (*Il.*, XIX, 370).

Na epopéia, mais precisamente na *Ilíada*, há ênfases completas de um guerreiro armando-se para a batalha como Páris (*Il.*, III, 330-9), Agamêmnon (*Il.*, XI, 16-45) e Aquiles (*Il.*, XIX, 364-91). Nos versos

destacados desses *Cantos*, várias são as referências a respeito de alguns utensílios bélicos que foram descritos, tais como, lança, espada, capacete, escudo, couraça e grevas.

A propósito, esses acessórios bélicos eram pesados, por isso, na *Ilíada*, os cocheiros conduziam os carros para transportar, de modo rápido, o guerreiro nobre até ao campo de batalha, mais precisamente até às primeiras linhas.

Há um exemplo interessante a respeito do guerreiro Nastes que é um paradigma de combatente armado inadequadamente, pois, ao invés de sobressair o brilho de suas armas, o que sobressaiu foram as suas jóias como comprovam os versos 871-875 de *Ilíada* II:

Nastes e Anfímaco, filhos ilustres de Nómion,

Nastes, possuindo ouro, foi à guerra como uma moça.

873 Tolo! Não escapou da morte perversa,  
mas foi morto no rio pelas mãos do descendente de Éaco, de pés ligeiros,  
Aquiles que, sendo prudente, levou consigo o ouro.

Ressalte-se que quando o guerreiro está vivo, o que devia resplandecer em seu corpo é o bronze que brilha de suas armas (*Il.*, XVI, 130), a chama que sai de seus olhos (*Il.*, XIX, 366). Quando Aquiles reaparece no campo de batalha, sua nova *panóplia*, isto é, o seu novo equipamento bélico brilhava. O próprio rei Príamo ficou admirado ao ver Aquiles todo resplandecente (*Il.*, XXII, 25-32), afinal, o bronze resplandecia “semelhante ao fulgor do fogo flamejante ou do sol levante” (*Il.*, XXII, 134-5). Convém lembrar que Hefestos havia dito para Tétis que a nova *panóplia* de Aquiles seria objeto de admiração por parte de todos os homens (*Il.*, XVIII, 465-7). Bom exemplo de outro guerreiro que resplandece em sua *panóplia* é Diomedes, pois o fogo saía do seu escudo, elmo, cabeça e ombros (*Il.*, V, 1-9), afinal, o filho de Tideu estava em estado de *ménos*, o “ardor guerreiro” que o impelia para o combate.

Tendo por base o comportamento impróprio de Nastes em oposição aos bons exemplos de Aquiles e Diomedes, conclui-se que o campo de batalha era um local inapropriado para os guerreiros ostentarem seus adereços como se fossem do sexo feminino.

É uma atitude comum do herói despojar as armas do adversário, quando este já se encontra inerte no chão (*Il.*, XI, 98-110; XI, 240-7) e, se possível, ultrajar também seu cadáver; por isso, quando um guerreiro morre na refrega, seus companheiros fazem grandes esforços para proteger e resgatar seus cadáveres para que fosse chorado e lastimado; evitando também, o máximo possível, o despojamento das armas do morto. Heitor, mesmo ferido, suplica a Aquiles que não entregasse seu corpo aos cães e o restituísse aos seus parentes para que pudesse receber as honras fúnebres (*Il.*, XXII, 338-342).

Os exemplos de proteção aos cadáveres e, conseqüentemente, às armas do guerreiro abatido são inúmeros: Ajax, Telamônio, ao matar Ânfito, corre para despojá-lo, mas os troianos o afastam do cadáver (*Il.*, V, 617-626); Antíloco também não consegue despojar um troiano, pois Elefenor puxa o cadáver pelos pés para o campo dos troianos (*Il.*, IV, 463-6). Enéias, devido a sua ânsia de proteger um cadáver, chegou a ser comparado a um leão. O filho de Afrodite agitava a lança e o escudo, ávido para matar, caso alguém lhe opusesse (*Il.*, V, 297-301); Menelau e Antíloco arrastam os cadáveres dos gêmeos para o campo dos aqueus, com receio dos troianos e aliados os despojarem (*Il.*, V, 571-5); Menelau, novamente, protege um outro cadáver, dessa vez, de Pátroclo. O filho de Atreu foi comparado a uma mãe que protege seu filho (*Il.*, XVII, 1-7); depois, é Ajax, Telamônio, quem tem a incumbência de proteger o corpo de Pátroclo (*Il.*, XVII, 137), já que Heitor havia conseguido despojar o morto e queria, agora, o cadáver. Aliás, é em torno dos cadáveres de Pátroclo (*Il.*, XVII, 355-397) e Sarpédon (*Il.*, XVI, 641-3) que é travado o combate mais ferrenho e sangrento de toda a epopéia.

Convém ainda sublinhar que Diomedes tinha o objetivo de matar Enéias e despojá-lo de suas armas nobres, mas temendo Apolo recua (*Il.*, V, 431-442). Objetivo igual tinha Heitor de matar Diomedes e levar consigo *énara brotóenta*, “despojos sangrentos” (*Il.*, VIII, 532-6).

Heitor, ao ter o último encontro com sua esposa, Andrômaca, expressa também o desejo de, um dia, seu filho Astianax ser um grande despojador, trazendo para o lar *énara brotóenta* – “despojos sangrentos” como se deduz de *Ilíada*, VI, 476-481:

Ó Zeus e outros deuses! dai-me que este meu filho seja,  
certamente, como eu, distinto entre os troianos,

478 de modo que (tenha) vigor e valor e, de Ílion, reinar com força;  
e, depois, alguém diria: “este é melhor que o pai”,  
voltando da guerra, traria despojos sangrentos,  
matando o guerreiro inimigo, a mãe alegraria o coração.

Observa-se que Homero emprega vários vocábulos para expressar a ação ou a tentativa de “despojar, de espoliar”, tais como os verbos: *apodyō* - “despir, roubar, desnudar” (*Il.*, V, 435; XVIII, 83); *peridyō* - “tirar em volta (a túnica, a couraça)” (*Il.*, XI, 100); *syláo* - “obter as armas de um inimigo vencido, isto é, o despojar de suas armas” (*Il.*, IV, 466; VI, 28; XIII, 640-1); *exenarízo* - “despojar um inimigo morto em combate, levar as armas de um inimigo morto” (*Il.*, VI, 20; XI, 246; XIII, 619) e *apauráo* - “tirar, levar, obter” (*Il.*, XVII, 125).

Na verdade, expressões tais como *klutà teúkhea* - “armas nobres, ilustres” (*Il.*, V, 435; XVII, 125), *teúkhea kalá* - “belas armas” (*Il.*, XI, 110; 247), *teúkhe’ ... aióla pamphanóonta* - “armas policromas, esplêndidas” (*Il.*, V, 294-5) e *khalkérea teúkhea* - “armas brônzeas” (*Il.*, XV, 544) fazem com que os acessórios bélicos sejam objetos de cobiça por parte dos guerreiros homéricos e, além do mais, portar as armas do adversário abatido é uma espécie de troféu para aquele que despoja. Heitor, depois de muita persistência e luta, consegue despojar Pátroclo, conforme já foi mencionado (*Il.*, XVII, 125-128), e conquista *méga kléos*, “grande glória” como corroboram os versos 130-1 de *Ilíada* XVII:

(Heitor) entrega as belas armas  
aos troianos para levarem à *polis*, grande glória foi para ele.

É bom lembrar que, antes de Heitor despojar Pátroclo, o filho de Pântoo tentou despojá-lo para alcançar *kléos*, “glória”, e intimida Menelau como se conclui de *Ilíada* XVII, 12-7:

Ó Menelau Atreide, progênie de Zeus, chefe de guerreiros,  
se afasta! deixa o morto e os despojos sangrentos;  
nenhum dos troianos e aliados ilustres antes de mim,  
15 atingiu a Pátroclo com a lança no combate violento.  
(Quero) conquistar a glória ilustre entre os troianos;  
caso contrário, te atinjo e tiro a tua vida doce como o mel.

No diálogo com sua mãe, percebe-se o duplo sofrimento e desespero de Aquiles, uma vez que, além de Heitor ter matado o seu melhor amigo, o príncipe troiano havia deixado Pátroclo completamente *gymnón*, “nu” no campo de batalha (*Il.*, XVII, 122). Afinal, as armas do Pelida eram, conforme as suas próprias palavras, *pelória*, “extraordinárias”, *thaûma*, “admiráveis”, *kalá*, “belas”, *aglaá*, “nobres” e foram presentes dos deuses a seu pai (*Il.*, XVIII, 79-84). Tétis, quando se encontra com Hefestos, diz que Aquiles “jazia prostrado e com coração aflito” (*Il.*, XVIII, 461). Encolerizado devido à atitude do príncipe troiano, o filho de Peleu promete, diante do cadáver de Pátroclo, dar-lhe honras fúnebres depois que vingasse de Heitor, trazendo consigo as armas e a cabeça do troiano (*Il.*, XVIII, 333-5).

Faz-se, então, mister lembrar a contenda entre Ájax, Telamônio e Odisseu pelas armas de Aquiles. Depois da morte do Pelida, as armas extraordinárias e divinas de Aquiles seriam, de direito, entregues ao melhor dos aqueus depois de Aquiles. O filho de Telamôn seria, então, o novo portador daquelas armas, pois, de acordo com *Ilíada*, II, 768-770, XVII, 279-280 e *Odisséia* XI, 469-471, Ájax era o segundo melhor guerreiro depois do filho de Tétis. Todavia, as armas foram entregues ao rei de Ítaca, acarretando a ira do Telamônio. Na *Odisséia* XI, 543-568 e nas *Neméias* VII e VIII de Píndaro, há menção a essa contenda entre os heróis; igualmente, o tragediógrafo Sófocles se refere a essa disputa em *Ájax*. Na verdade, a rixa entre o filho de Telamôn e o filho de Laertes era uma competição de *aristéia*, ou seja, de uma superioridade toda pessoal, de heroísmo.

Como se infere da leitura da *Ilíada*, várias são as informações que se podem colher em relação aos equipamentos bélicos utilizados pelos heróis homéricos na batalha. Observa-se que nem todas as armas eram iguais para todos os combatentes, isto é, havia certas particularidades que fazia com que uma determinada arma se destacasse em relação às outras. Assinale-se, por exemplo, o escudo de Aquiles, de Ájax, Telamônio e Agamêmnon, a couraça de linho de Ájax, filho de Oileu, a lança de Heitor, o capacete de Odisseu e Diomedes, as armas de ouro de Glauco e o arco divino de Pândaro.

Quando a luta se tornava uma verdadeira selvageria, o objetivo do herói homérico não era somente matar o inimigo, mas também despojá-lo de suas belíssimas armas e ultrajar o seu cadáver, confirmando, assim, a sua *areté*, “excelência” no campo de batalha.

## Bibliografia

- BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Éd. Revue par L. Séchan et Chantraine. Paris: Hachette, 2000.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.
- \_\_\_\_\_. *L'Odyssee*. Texte établi et traduit par Victor Bérard. Paris: Les Belles Lettres, 1946 / 7.
- KIRK, Geoffrey S. La Guerre et le Guerrier dans les Poèmes Homériques. In *Problèmes de la Guerre en Grèce Ancienne*. Paris: Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1999.
- LIDDEL, Henry George & SCOTT, Rober. *Greek-English Lexicon*. New York: Oxford, Clarendon, 2000.
- LORIMER. H. L. *The Hoplite Phalanx With Special Reference to the Poems of Archilochus and Tyrtaeus*. ABSA, 1947.
- MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Tradução de Carlos Ramalhete. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.
- PINDARE. *Néméennes*. Texte établi et traduit par Aimé Puech. Paris: Les Belles Lettres, 1958.
- SÓFOCLES. *Ájax*. Tradução de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ROMILLY, Jacqueline de. *Homero - Introdução aos Poemas Homéricos*. Tradução de Leonor Santa-Bárbara. Lisboa: Edições 70, 2001.
- VIDAL-NAQUET, P. *O Mundo de Homero*. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.